

Missiologia e *Missio Dei*: Por uma Ecclesiologia Missional

Edenis Cesar Oliveira*

Resumo

Periférico à agenda teológica tradicional até final do século XIX, os estudos missionários vêm ocupando importante espaço tanto nos debates de cunho acadêmico quanto das práticas de campo propriamente ditas, alcançando interesse global e, conseqüentemente, transcultural. Nesse contexto, o presente ensaio pretende contribuir minimamente com a continuidade desse diálogo, apresentando uma abordagem da ecclesiologia missional, a partir do conceito de *missio Dei*, considerando a missiologia como campo de estudo da teologia. Iniciando com uma breve narrativa histórico-conceitual da missiologia, o texto avança para o conceito da missão de Deus e sua relação direta com a Igreja amalgamado na proposta da ecclesiologia missional.

Palavras-chave: Missão; Missiologia; *Missio Dei*; Ecclesiologia; Ecclesiologia Missional.

Missiology and *Missio Dei*: For a Missional Ecclesiology

Abstract

Peripheral to the traditional theological agenda until the end of the 19th century, missionary studies have occupied an important space both in academic debates and in field practices themselves, reaching global and, consequently, cross-cultural interest. In this context, this essay intends to contribute minimally to the continuity of this dialogue, presenting an approach to missional ecclesiology, based on the concept of *missio Dei*, considering missiology as a field of study of theology. Starting with a brief historical-conceptual narrative of missiology, the text advances to the concept of the mission of God and its direct relationship with the Church amalgamated in the proposal of missional ecclesiology.

Keywords: Mission; Missiology; *Missio Dei*; Ecclesiology; Missional Ecclesiology.

* Doutor em Administração pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul. Mestrado em Geografia Humana pela FCT/Unesp. Graduação em Administração pelo Centro Universitário Eurípedes de Marília (1998). Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Sul-Americana - Londrina/PR (FTSA) Professor Pós-Graduação em Sustentabilidade na Gestão Ambiental (PPGSGA) da Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba-SP. CV: <http://lattes.cnpq.br/1662760539813595>. E-mail: edeniscesar@ufscar.br.

Misiología y Missio Dei: para una ecclesiología misional

Resumem

Periféricos a la agenda teológica tradicional hasta finales del siglo XIX, los estudios misioneros han ocupado un espacio importante tanto en los debates académicos como en las propias prácticas de campo, alcanzando el interés global y, en consecuencia, transcultural. En este contexto, este ensayo pretende contribuir mínimamente a la continuidad de este diálogo, presentando una aproximación a la ecclesiología misional, basada en el concepto de *missio Dei*, considerando la misiología como un campo de estudio de la teología. A partir de una breve narración histórico-conceptual de la misiología, el texto avanza hacia el concepto de la misión de Dios y su relación directa con la Iglesia amalgamado en la propuesta de la ecclesiología misional.

Palabras clave: Misión; Misiología; *Missio Dei*; Ecclesiología; Ecclesiología misional.

1. Introdução

Os fundamentos da concepção tomista, de que a teologia – *a Deo docetur, Deum docet, ad Deum ducit* – “é ensinada por Deus, ensina a Deus, conduz a Deus”, guardam o ato de apresentar à escrutinação pública o texto que segue infra.

Desde suas origens no final do século XIX como o estudo das missões cristãs no exterior, a agenda da missiologia tem sido global e de interesse transcultural. Embora a princípio fosse visto como periférico à agenda teológica tradicional, os estudos missionários são agora uma disciplina teológica e acadêmica estabelecida (KIM, 2004). Entretanto, há autores como Nussbaum (2013) que persistem em denunciar um descolamento da missiologia do arcabouço mais amplo da teologia ocidental, seja ela de viés protestante, católico, conservador, liberal, moderno ou pós-moderno. Essa separação, na visão do autor, não se resume a uma quimera acadêmica, mas se constitui num severo obstáculo à propagação das boas novas de Jesus, o Messias (NUSSBAUM, 2013).

Para Mashau (2012), a definição e prática da missiologia devem estar firmemente fundamentadas na *missio Dei*; por conseguinte, todas as disciplinas teológicas devem ter intencionalmente uma dimensão missionária. Isso permitirá, em essência, que a missiologia exista como um assunto independente, mas ao mesmo tempo exercite sua multidimensionalidade. É, portanto, fundamental manter uma tensão dinâmica e criativa entre intenção e dimensão para compreender o lugar da missiologia na ciência teológica.

A missiologia não deve ser vista meramente como um posto avançado de investigação teológica, compartimentada no currículo e agregada ao

lado da teologia bíblica, hermenêutica, ecclesiolgia, e assim por diante. Toda teologia é intrinsecamente missiológica, pois diz respeito ao Deus da missão e à missão de Deus. Isso significa que todas as categorias teológicas são inerentemente missiológicas e todas as categorias missionárias são profundamente teológicas (CORRIE; ESCOBAR; SHENK, 2013), ou ainda, como afirma Myklebust (1989, p. 101), “a Igreja em todas as suas dimensões é missão; teologia, portanto, em todas as suas dimensões é missiologia”. Knoetze (2017) corrobora esse entendimento postulando missiologia como uma das disciplinas da ciência teológica. Bavinck (1961) partindo da compreensão de missiologia como disciplina teológica a descreve como histórica, elêntica e apologética. Elêntica no sentido teológico de ser parte integrante da controvérsia, e esta não como um fim em si mesmo, mas componente intrínseco de uma lida argumentativa – apologética – necessária a um processo reativo permeado de esperança, gentileza e respeito aos eventos históricos desse mundo (KNOETZE, 2017).

A verdade, porém, é que tanto a teologia quanto a missiologia são essenciais para a resposta da igreja aos mandatos do Senhor Jesus, o Grande Mandamento (Marcos 12: 29-30) e a Grande Comissão (Mateus 28: 18-20). Se a prática de missões deve ser autenticamente cristã, então deve ser moldada por suposições e valores enraizados na autorrevelação de Deus e no reflexo da igreja, e é isso que a boa teologia oferece, segundo Netland (2005). A narrativa magna da Bíblia é sobre a missão de Deus com exigências de dimensões específicas de resposta ética da humanidade. O próprio Abraão (Gn 22: 16-18) serve de modelo para a educação continuada de seus descendentes, que devem andar no caminho do Senhor em toda retidão e justiça a fim de que Deus cumpra o propósito missionário da eleição do patriarca (WRIGHT, 2006). Para Knoetze e Mwangi (2018), isso está bem articulado em Gênesis 18: 18-19, que registra a expressão de uma agenda moral para as nações da terra.

A rigor, Deus é o autor e origem de toda missão. É o nosso Deus missionário que vem, desde o início, para buscar, salvar e restaurar toda a criação à plenitude de vida para a qual fomos criados. Reafirma-se que o Deus da Bíblia é um Deus missionário (STOTT, 2013) porque Deus está sempre em movimento, e Deus está em movimento porque Deus é um ser vivo. Adicionalmente, Walls (2011) argumenta que a história foi determinada pelos movimentos dos povos, e Groody (2012) afirma que o tema da migração é intrínseco aos nossos genes biológicos e espirituais. Portanto, todo cristão e

toda congregação têm a obrigação de testemunhar desse Deus, o Deus Triúno que veio a nós encarnado em Jesus de Nazaré (EWELL, 2012). George e Godfrey (2021) argumentam que o Deus da Bíblia está continuamente em movimento e como aquele que chama seus seguidores para ver o que Deus está fazendo no mundo. Assim, a missão é mover-se com Deus para ver todas as coisas renovadas à medida que harmonizamos nossos passos errantes para estar em sincronia com um Deus que se move. A missão é seguir a Deus, mover-se e alcançar Deus em muitos espaços culturais e geográficos diferentes em todo o mundo, e crescer em nossa apreciação da obra de Deus em, através e ao nosso redor, enquanto nos movemos.

Como bem afirma Shenk (1993, p. 12), a missão é uma continuação da narrativa iniciada com o chamado de Abraão, continuada através do povo de Deus no Antigo Testamento, encarnada por Jesus, cuja prática foi ordenada a toda comunidade messiânica sob a liderança do Espírito Santo ao longo do tempo para os confins da terra. Em síntese, a missão está consubstanciada nos fundamentos do amor eletivo de Deus. Foi assim que Deus mostrou seu amor ao enviar seu Filho unigênito ao mundo, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna (1 Jo 4:9; Jo 3:16).

Este artigo objetiva apresentar a abordagem de uma eclesiologia missional, a partir do conceito de *missio Dei* considerando a missiologia como campo de estudo da teologia. O conceito de *missio Dei* é inegavelmente abrangente quando entendido à luz de um Deus, que, sendo a força criadora que trouxe à existência tudo o que conhecemos e compreendemos, participa intencionalmente com essa criação para cumprir um propósito (WHITWORTH, 2019). Nesse sentido, o Espírito Santo é aquele que atua iniciando, sustentando e recriando a presença na *missio Dei*. Isso é mais centrado em Deus, mais bíblico e mais teologicamente esperançoso (KEMPER, 2014).

O texto encontra-se estruturado a partir desse exórdio, seguido de uma revisão de literatura com foco, sobretudo na narrativa histórico-conceitual elementar de missiologia. Posteriormente, se apresenta um suporte teórico conceitual para *missio Dei* e, seguidamente, uma breve exposição sobre a afluência da eclesiologia e missiologia, a saber, a propositura de uma eclesiologia missional.

2.Missiologia: breve narrativa histórico-conceitual

A missiologia como um foco de estudo à parte é relativamente incipiente no campo da educação teológica, sendo, em muitos círculos

teológicos, considerada de forma suplementar (LANGMEAD, 2013). Nas últimas décadas, um amplo consenso vem se formando de que a missão cristã não é apenas uma proclamação verbal, não redutível à busca de justiça e pacificação, não apenas um trabalho entre muitos, não apenas um aspecto da teologia prática, não algo feito apenas por mensageiros transculturais, e não algo que acontece apenas nas fronteiras da cristandade. É muito mais profundo, muito mais amplo e mais abrangente (LANGMEAD, 2013). Oborji (2006a) chega a dizer que o termo “missiologia” é o nome mais apropriado para essa disciplina, uma vez que mantém o significado original grego e latino da palavra – a ciência da missão (estudo da missão). Langmead (2013) relata que o estudo dissociado da missão teve início na teologia somente no final do século XIX, fomentado pelo crescimento da missão transcultural do Ocidente. Alexander Duff, em geral reconhecido como o primeiro professor de missão, ensinou “teologia evangelística” em Edimburgo (Escócia) entre 1867 e 1878. Gustav Warneck foi o pioneiro no ensino da “teoria da missão” em Halle (Alemanha), de 1896 a 1910. No período a partir de 1910, Josef Schmidlin foi o primeiro missiologista católico, em Münster, Alemanha, promotor da expressão “ciência da missão” (OBORJI, 2006), nomenclatura da preferência de Bavinck (1961). Mashau (2012) optou por usar “missiologia”, máxime por entender que esta pode ser usada alternadamente com as palavras “ciência da missão”, uma vez que os dois conceitos intencionalmente retêm a noção de ser enviado.

O próprio termo “missiologia” é relativamente novo. Foi cunhado pelo jesuíta holandês Ludwig J. van Rijkevorsel em 1915. Depois disso, foi frequentemente usado por estudiosos católicos romanos. Inicialmente, o termo foi veementemente criticado pelos protestantes. O francês Raoul S.P. Allier, por exemplo, declarou em sua resenha do Relatório da Sexta Semana Missiológica em Louvain (1928): “Não posso aprovar a palavra missiologia, que, sendo metade latina e metade grega, tem uma aparência bárbara. Sua estrutura é tão ruim quanto a da sociologia e tem os mesmos defeitos. Esse casamento antinatural do latim e do grego machuca os ouvidos”. No entanto, no período pós Segunda Guerra Mundial, os protestantes desenvolveram uma atitude mais positiva. Hoje, tanto católicos romanos quanto estudiosos protestantes aceitam o termo ‘missiologia’ como o melhor para descrever sua disciplina, substituindo termos mais antigos, como a “teoria da missão”, “a ciência da missão”, “teologia evangelística”, entre outros (JONGENEEL, 1998).

Missiologia passa a ser definida como a ciência das missões, incluindo o estudo formal da teologia da missão, a história das missões, as filosofias de missão e sua implementação estratégica em determinados ambientes culturais (ANDERSON, 2015).

Jongeneel (1998) afirma que missiologia é a disciplina acadêmica que – de um ponto de vista filosófico, empírico e teológico – reflete sobre a história, teoria e prática da missão mundial (cristã) como um meio para pregar o evangelho, curar os enfermos e expulsar os “espíritos malignos” (ativos na idolatria e na imoralidade), para a glória de Deus e o bem-estar de todos os seres humanos.

O missiologista reformado holandês, Johannes Verkuyl, em seu estudo completo intitulado *Contemporary Missiology: An Introduction*, postula missiologia como o estudo das atividades de salvação do Pai, Filho e Espírito Santo em todo o mundo voltadas para trazer o reino de Deus à existência. Refere-se ao tratado do mandato divino da Igreja a fim de estar pronta para servir a este Deus que visa seus atos salvadores para este mundo. Na dependência do Espírito Santo e, por palavra e ação, a Igreja deve comunicar o evangelho e a lei divina total a toda a humanidade (VERKUYL, 1978).

Para Verkuyl (1978), a tarefa da missiologia em todas as épocas é investigar científica e criticamente as pressuposições, motivos, estruturas, métodos, padrões de cooperação e liderança que as igrejas trazem para o seu mandato. Não obstante, a missiologia deve examinar todo tipo de atividade humana que combate os vários males para ver se ela se encaixa nos critérios e objetivos do reino de Deus que já veio e ainda está chegando.

Sob o ponto de vista de Mashau (2012) a definição de Verkuyl se apresenta mais baseada na obra do Deus triúno como um Deus missionário que está ativamente envolvido em seu mundo criado. Alinhado com o espírito da teologia missional, o autor define missiologia como uma reflexão teológica e estudo sobre a missão e o mandamento de Deus, assim como o chamado da Igreja para participar dessa missão testemunhando a vinda do reino de Deus (MASHAU, 2012). Por conseguinte, nossa compreensão do reino determinará tanto a abordagem quanto o escopo do estudo de missões (missiologia).

Scherer (1987; 1994) contrasta, dialeticamente, o conceito apresentado por Verkuyl com o defendido pelo antropólogo missionário australiano, Alan R. Tippett, autor de *Solomon Islands Christianity* e primeiro editor do periódico *Missiology*. Tippett predica uma “teologia bíblica simples em uma base antropológica sólida” – uma tarefa que pode ser compreendida como

apresentar a mensagem de Deus aos seres humanos, pelos seres humanos, no próprio contexto humano.

Tippett defende que esse empreendimento demanda familiaridade com as ferramentas e técnicas da antropologia, teologia, história, linguística e psicologia. A missiologia possui seu campo próprio, não se presta a ser uma mera tomadora de empréstimos de outros campos. Suas várias dimensões se interagem, influenciando e modificando umas às outras de forma dinâmica. A missiologia é uma coisa nova com sua própria autonomia (TIPPETT, 1973).

Nitidamente, observa-se que os pontos de partida são diferentes. Enquanto Verkuyl parte de Deus (sujeito), olhando para as atividades por ele (Deus) realizadas, tendo como base fundante os aspectos teológicos sob o escrutínio dos propósitos do reino de Deus, Tippett principia com o ser humano (objeto) e analisa o processo e os modos da missiologia, considerando a teologia como componente de um conjunto de ferramentas e técnicas ao lado da antropologia, da história, da linguística e da psicologia.

Nada obstante, a lide pretendida aqui não é a de apresentar argumentos favoráveis ou desfavoráveis a este ou àquele ponto de vista, tampouco esgotar o entendimento conceitual da temática em questão. Entretanto, numa tentativa de síntese consensual para os propósitos que aqui se estabelecem, nos apoiaremos na argumentação de Scherer (1987; 1994) como pressupostos norteadores desse aspecto conceitual. O autor proclama a necessidade de se estabelecer subjacentemente um conjunto de princípios de ordenação para a disciplina como um todo. Em seu ponto de vista, esses princípios missiológicos devem ser qualitativos, orientados por objetivos específicos, com a inserção de critérios singulares sobre a relação com cada disciplina como estudos bíblicos, história da Igreja, teologia sistemática, ciências sociais, religiões globais e missiologia essencial ou normativa (SCHERER, 1987).

O Quadro 1 apresenta as propostas para cada uma das disciplinas que, segundo Scherer (1987) devem ser consideradas para uma melhor compreensão de missiologia.

Quadro 1. Disciplinas e propostas como critérios norteadores para abordagem conceitual de missiologia

Disciplina	Propostas
Estudos Bíblicos	Se os estudiosos da Bíblia normalmente não se concentram em questões missiológicas, e se os missiologistas não estão treinados para lidar com questões hermenêuticas/exegéticas com profundidade e perícia, onde será realizada a tarefa de correlação? Os membros da fraternidade missiológica não são obrigados a procurar e desafiar seus colegas bíblicos?
História da Igreja	Deve haver uma equilibrada combinação entre modelos históricos e as questões teóricas e práticas na abordagem da missiologia. Os aspectos teológicos fundamentais da missão não podem ser ignorados, tampouco podem ser negligenciados os critérios descritivos desenvolvidos pelas ciências sociais para estudar os processos de crescimento da Igreja em um contexto local. Toda a questão do “significado na história” apresenta uma série de questões filosóficas e ideológicas relacionadas ao reino de Deus. Os historiadores podem lidar com essa carga crescente de responsabilidade interdisciplinar e, se não, eles podem encontrar colegas em outras disciplinas que estejam dispostos a dialogar e ensinar em equipe?
Teologia Sistemática	O planejamento, a motivação e a prática da missão ficarão seriamente comprometidos se a Igreja perder a clareza sobre seus princípios fundamentais. Por outro lado, a missiologia não pode ser meramente especulativa, sem remeter ao discipulado e à efetiva participação missionária. A análise dos motivos, fins e objetivos não pode ser separada do estudo dos processos pelos quais o evangelho é proclamado, a Igreja plantada e o reino estendido. A missão não prescindir da crítica e análise teológica.
Ciências Sociais	Os aspectos bíblicos, históricos e teológicos devem permanecer centrais. A utilização das ciências sociais com toda sua ampla gama de disciplinas deve ser usada complementarmente. Dessa forma, questões advindas das ciências sociais devem permanecer suplementar à reflexão missiológica.
Religiões Globais	A missiologia não pode sob nenhum argumento ser equiparada à História das Religiões. Enquanto aquela é teologicamente comprometida e orientada por objetivos, esta normalmente é vista como “livre de valores” e teologicamente “neutra”. O serviço que o estudo das religiões mundiais leva à missão de Deus deve ser claramente declarado.
Missiologia Essencial ou Normativa	Estabelecer um tratamento essencial dos temas missiológicos que compreenda normas para todas as abordagens complementares. Quando tudo é complementar a outra coisa na enciclopédia das disciplinas teológicas, na arcada das ciências sociais ou no mundo dos estudos religiosos, o que é normativo missiologicamente? As várias abordagens complementares podem funcionar na ausência de uma consciência duradoura do que constitui o centro missiológico integrador?

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Scherer (1987).

Scherer (1987; 1994) chama a atenção para o fato de que todo missiólogo praticante que labuta a partir de uma perspectiva histórica, teológica, das ciências sociais ou das religiões mundiais também precisa ser um “missiólogo essencial” em contato com as raízes, motivos, fundamentos clássicos e objetivos da disciplina – qual seja, a glória de Deus, “conversão dos gentios”, plantação de igrejas, preparação para o reino.

Myklebust (1989) é enfático ao asseverar que desde os tempos dos apóstolos, o propósito central da missão cristã tem sido a comunicação do evangelho a todos os homens e a todas as nações. A mensagem bíblica é a comunicação da obra redentora de Deus em Cristo.

Ademais, não se concebe uma missiologia que não esteja fundamentalmente enraizada na própria Escritura. Com isso não se quer dizer que outras ciências não podem auxiliar; podem e devem. Contudo, é imprescindível que sejam lidas, interpretadas e aplicadas a partir da cosmovisão bíblica cristã.

Nesse sentido, entende Scherer (1987), que, antes mesmo de se tentar definir “missiologia”, deve-se ter muito claro o que é “missão”. A incerteza presente é em grande parte explicada pelo fracasso de muitos missiologistas em fazer do texto, e não do contexto, o ponto de orientação. Muito evidentemente, o pluralismo religioso tem ocupado a maior parte da base analítica e muito pouca atenção tem sido dada à revelação de Deus e aos atos salvadores em Jesus, conforme registrado nas Sagradas Escrituras.

Deve-se considerar a necessidade de uma definição mais acurada para a palavra missão, a fim de que ela continue sendo útil para a Igreja. Missão era usada exclusivamente com referência à doutrina da Trindade – conceito trabalhado por Agostinho de Hipona (POITRAS, 1999; SUNDERMEIER, 2002; MULLER, 2007; JOSEPH, 2013; SCHIRRMACHER, 2018; JOSEPH, 2020) Lutero (CHUNG, 2007), Inácio de Loyola (KOLLMAN, 2011) – ou seja, do envio do Filho pelo Pai e do Espírito Santo pelo Pai e pelo Filho. A palavra era originalmente sobre Deus e sua iniciativa redentora, não sobre nós e o que estamos fazendo. No entanto, em seu uso popular dentro da Igreja, parece que a missão passou a se referir quase exclusivamente às várias tarefas que a Igreja está realizando (TENNENT, 2010).

Nos últimos anos, especialmente com o advento da declaração de missão da Igreja, a palavra foi adquirindo conotação mais ampla, passando a abarcar “tudo que a Igreja deveria estar fazendo” (TENNENT, 2010), roubando assim a palavra de qualquer ênfase ou caráter distintivo. A palavra,

prossegue o autor, lentamente migrou de uma conotação teocêntrica para uma mais antropocêntrica. Dito de outra forma, há uma diferença vital entre uma palavra que é aplicada principalmente à Trindade e à vida interior da ação de Deus e uma palavra que é principalmente entendida como se referindo aos esforços humanos e às ações da Igreja. Claramente, a palavra missão precisa de uma renovação no século XXI. No entanto, precisamos não de uma renovação para um novo significado, mas sim uma reaproximação do significado original da palavra (TENNENT, 2010).

Para Tennent (2010) a palavra missão se refere à iniciativa redentora e histórica de Deus em favor de sua criação. A missão diz respeito principalmente a Deus e seus propósitos e iniciativas redentoras no mundo, independentemente de quaisquer ações ou tarefas ou estratégias ou iniciativas que a Igreja possa tomar. Notadamente, a missão é muito mais sobre Deus e quem Ele é do que sobre nós e o que fazemos.

A principal tarefa da missiologia é o estudo da missão do Deus Triúno, e dentro da missão de Jesus, dos apóstolos, da Igreja. Isso significa que a missiologia é o estudo da missão de Deus em todos os lugares – em todos os continentes, “de todos os lugares para todos os lugares”. Nem é preciso dizer que a missão de Deus é mais inclusiva do que a da Igreja, tema que será discutido no próximo tópico (SCHERER, 1987). Finalizando sua exposição, o autor destaca a importância de se implementar esforços a fim de provocar o estreitamento entre a missiologia como campo de estudo e a tarefa de evangelização.

Roxborough (2014) compreende que a validade da missiologia continua a residir na validade da missão, na importância das questões que aborda e nas perspectivas interculturais que traz para as questões do dia. Em certo sentido, a missiologia tem que acreditar em si mesma, mesmo quando outros não acreditam. Estar sob ameaça não é novidade em sua história. Seja qual for o seu contexto, no entanto, o testemunho missiológico da missão de Deus, como o testemunho direto de Cristo, precisa ser proclamado continuamente. Em última instância, a missiologia tem um papel importante a desempenhar no processo de transformação das igrejas, preparando-as para serem igrejas que “olham para fora”, isto é, de igrejas que olham para si mesmas para igrejas missionárias, proclamadoras. A missiologia pode contribuir com a teologia prática levando-a a aprender de novo o que significa ser a igreja de Jesus Cristo no contexto do mundo.

Muito embora a missão seja essencialmente obra de Deus, jamais dos humanos, em seu livro “Transformando a Teologia da Missão”, Van Engen (2017) de início observa que os agentes que fazem teologia missionária incluem o Espírito Santo, a igreja, congregações locais de crentes, missionários e os destinatários do Evangelho. A fé trinitária é um critério de fé cristã. Todas as chamadas “grandes comissões” têm uma base trinitária e são colocadas em um contexto trinitário (conf. Mt 28: 18-20; Lc 24: 46-49; Jo 20: 20-23). A missão não é autorizada por alguma decisão da Igreja, seja no passado, no presente ou qualquer outro tempo. Engajar-se na missão não é facultativo. Sua origem e fonte se estabelece em Deus Pai e no envio de seu Filho e de seu Espírito. Isto é *missio Dei* (ENGELSVIKEN, 2006). Disto nos ocuparemos na próxima seção.

3. *Missio Dei*: Suporte Teórico-Conceitual

Em 1910, a primeira grande conferência missionária mundial nos tempos modernos foi realizada em Edimburgo, Escócia. Este foi o início de uma série de grandes conferências mundiais patrocinadas pelo Conselho Missionário Internacional, que foram realizadas em várias partes do mundo, incluindo Jerusalém, em 1928 (ANDERSON, 1961), Tambaram (Madras), em 1938 (KNOETZE, 2017), Whitby, USA (1947), Willengen, Alemanha (1952) e Accra, Gana (1957/58). É na conferência de Willengen em julho de 1952 que um novo modelo de missão foi proposto de maneira que articulou claramente a ideia de que a ação redentora de Deus no mundo precede a Igreja, o que significa que a Igreja não deve se perceber como o ponto de partida para a atividade missionária no mundo. A frase definidora que mais tarde foi usada para conceituar essa visão de missão foi *missio Dei*, ou a “missão de Deus”, embora essa terminologia não tenha sido encontrada em nenhum documento oficial produzido pela referida Conferência (ENGELSVIKEN, 2003).

Contudo, a ideia permeia assaz a obra magistral de Agostinho de Hipona sobre a Trindade (*De Trinitate*). A *missio* (envio) de Deus como uma categoria teológica é um tema vultoso na doutrina trinitária agostiniana. Para o teólogo, a revelação e a redenção de Deus, realizada mediante o envio do Filho e do Espírito Santo em missão, revelam a vida interior do Deus Triúno na geração (*generatio*) do Filho e na processão do Espírito. Nesse sentido, a missão na doutrina triúna do bispo de Hipona, colige a vida trinitária interior de Deus e a reconciliação humana com Deus (POITRAS, 1999; SUNDERMEIER, 2002; MULLER, 2007; JOSEPH, 2013; SCHIRRMACHER, 2018; JOSEPH, 2020).

Sob o ponto de vista de David Bosch (2011), a conexão entre a *missio Dei* e suas raízes teológicas, é fundamental para a boa teoria nas atividades de envio da igreja. Apropriadamente, o autor aponta que uma sinopse teológica de “missão” como conceito, tem sido tradicionalmente usada como (i) propagação da fé, (ii) expansão do reino de Deus, (iii) conversão dos pagãos, e (iv) a fundação de novas igrejas. Por trás da noção de ser enviado ao mundo, estava a noção paradigmática de poder e autoridade. Essa noção de ser enviado sempre esteve intimamente ligada ao paradigma teológico da autoridade de Deus, conforme ilustrado pelo conceito teológico abrangente da *missio Dei*; “a *missio Dei* institui as *missiones ecclesiae*” (BOSCH, 2011).

A Figura 1 sistematiza o delineamento conceitual e processual dos aspectos da missiologia, a *missio Dei*, culminando na Igreja chamada para atuar no reino de Deus, como parte da missão.

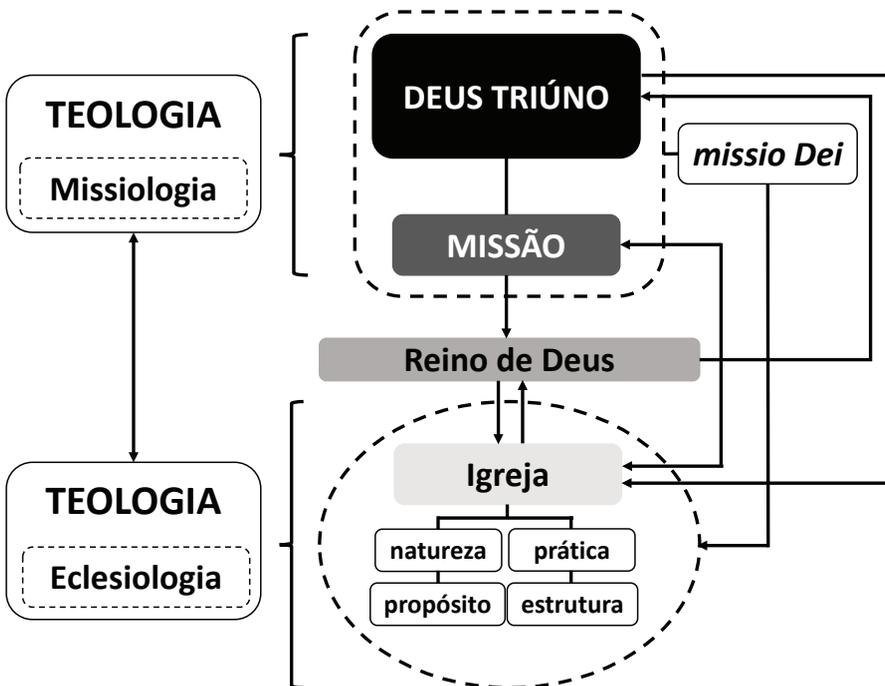


Figura 1. Delineamento conceitual e processual da *missio Dei*.

Laing (2009) entende que a definição clássica de *missio Dei* situa a origem da missão como procedente da própria Trindade, em vez de estar comumente situada no âmbito eclesiológico ou soteriológico. A doutrina

clássica sobre a *missio Dei* como Deus Pai enviando o Filho e Deus Pai e Filho enviando o Espírito foi expandida para incluir mais um movimento: Pai, Filho e Espírito Santo enviando a Igreja ao mundo. A missão, portanto, não é vista como originária da Igreja ou de qualquer outra agência humana, mas como um atributo do próprio Deus Triúno. A missão tem sua gênese no coração de Deus. Existe missão porque Deus ama as pessoas (BOSCH, 2011). *Missio Dei* é uma expressão teológica latina para ou apontando para “Missão de Deus”, cujo foco está inteiramente no propósito e ação redentora de Deus na história humana. Este termo denota missão de Deus como inerentemente usando a humanidade como instrumentos enquanto ele está presente como o executor de tal missão (THINANE, 2021).

A missão começa com a missão do Deus triúno. No entanto, essa missão trinitária deve ser compreendida no contexto narrativo da história bíblica. A Escritura conta a história da obra de Deus para restaurar toda a criação, e um povo de todas as nações, assim como do impacto debilitante da rebelião humana. O fato de Deus escolher um povo para desempenhar um papel na missão é mais do que um simples conjunto de atividades: é uma identidade que vem do papel que o povo da aliança de Deus é chamado a desempenhar na história bíblica. Nesse sentido, a missão não é apenas um conjunto de atividades: ela define o próprio ser do povo de Deus. Dizer que sua identidade missional vem do papel que são chamados a desempenhar na história bíblica já aponta para a centralidade da missão na leitura das Escrituras (GOHEEN, 2016). Em termos gerais, a *missio Dei* é o propósito de Deus de redenção e reconciliação de tudo o que foi perdido com a queda. O instrumento de Deus para a missão é a igreja universal, a quem ele convida a unir-se a ele (FRANKLIN, 2020).

O uso indiscriminado do conceito é muitas vezes aplicado de forma generalizada, acaba esvaziando e reduzindo sua utilidade, sendo usado para fazer frente a todos tipos de agendas missiológicas (KIRK, 2000). É bem possível que a falta de uma definição mais assertiva tenha engendrado ambiguidades e passado a ser usado com menor frequência (ENGELSVIKEN, 2003). De toda forma, como afirma Thinane (2022), através da *missio Dei*, Deus Pai assume a responsabilidade entre si, o Filho e o Espírito Santo, a fim de demonstrar a unidade eterna divina como um só Deus por causa de seu projeto de redenção. Obviamente que o fato de que Deus está sempre presente em sua própria missão é inquestionável. No entanto, o uso do conceito facilita a compreensão de Deus como ele se revela através do Filho e do Espírito Santo.

A missão, baseada na natureza do Deus triúno, dela deriva. O Pai envia (*missio*) o Filho, e o Pai e o Filho enviam o Espírito. O Deus triúno é o envio, ou seja, o Deus missional (YOUN, 2018). A palavra “apóstolo” (no grego: ἀπόστολος, lit. “aquele que é mandado em missão”) torna-se um conectivo propedêutico, possibilitando inferir que a Igreja “apostólica” significa aquela que foi enviada por Cristo. Holmes (2006) assevera que os termos “missionário” e “apostólico” adquiriram nuances de significado diferentes na língua inglesa. Sem embargo, afirmar que uma palavra é bíblica enquanto a outra não é, configura-se um ponto linguístico de obviedade quase estúpida, ou um simples mal-entendido do caso. Pode-se usar qualquer um dos dois conceitos, especificando a tonalidade precisa de significado que se pretende dar ao escolhido. Em qualquer dos casos, a ideia básica é enviar, especialmente enviar para alcançar algo.

Assim, o fato de que Deus é o Deus que envia “missionalmente” implica na compreensão de que tanto o sujeito quanto a iniciativa da missão são o Deus triúno. Visto dessa forma, a proclamação (e o testemunho) é a tarefa decisiva da igreja em sua missão, porque, nesse entendimento, a igreja é antes de tudo compreendida como a comunidade daqueles que conhecem a verdade sobre este mundo. Nos atos de proclamação da Igreja, também em seu testemunho, o mundo recebe o conhecimento de si mesmo e de seu Deus (AAGAARD, 1965).

O enfoque trinitário da *missio Dei* – sendo este por si só um conceito trinitário (FLETT, 2009) –, combinado com o enfoque no Reino de Deus, resgata a Igreja de simplesmente se tornar um agente de mudança social e econômica por um lado ou fundamentalismo por outro (SUESS, 2003) e fornece uma estrutura para a missão em que a espúria dicotomia entre ação social e o evangelismo em missão pode ser erradicada. O aspecto central da *missio Dei* é o evangelismo, a comunicação do evangelho; entretanto, isso não significa dar de costas ao mundo e às suas necessidades. O apelo à conversão é um apelo a ser testemunhas de Cristo, manifestando o seu amor e solicitude pelo mundo (GUDER, 2000; 2009), afinal, o ser trinitário de Deus é seu próprio ser-em-missão (DAUGHERTY, 2007). Como bem assevera Youn (2018), a missão do Deus trino exige que a igreja não apenas testemunhe o evangelho de Jesus Cristo por seu ser e vida, mas também participe da obra do Espírito Santo para transformar a realidade sócio-histórica do mundo. À doutrina clássica sobre a *missio Dei* como Deus Pai, enviando o Filho, e Deus Pai e Filho enviando o Espírito se soma outro “movimento”, a saber, Pai, Filho e Espírito Santo enviando a igreja ao mundo. Sob esse prisma,

há um movimento de Deus para o mundo; a igreja, então, é vista como um instrumento para essa missão. Existe uma igreja porque existe uma missão, e não vice-versa (BOSCH, 2011).

Thinane (2021) citando Reimer (2019) argumenta que *missio Dei* é trinitária tanto na natureza quanto no caráter. Isso se baseia no entendimento de que a unidade entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo é eternamente inseparável, o que também é corroborado por Flett (2009) ao se referir a Kirk (2000) quando disse que falar de *missio Dei* significa afirmar a missão trinitária sem qualquer restrição (FLETT, 2009; KIRK, 2000). Nesse sentido, o Pai está reciprocamente no Filho, o Filho está reciprocamente no Espírito Santo, o Espírito Santo está reciprocamente no Pai e vice-versa (REIMER, 2019).

A missão, portanto, é de Deus e não da Igreja. É dessa maneira porque a missão é um predicado de Deus. Deus é um Deus missionário. *Missio Dei* está presente ao longo de toda a história e consiste em Deus orientar-se para o mundo inteiro, tanto dentro como fora da Igreja. Deus guia o mundo através dos eventos da história (AAGAARD, 1974).

O documento originado do Conselho Missionário Internacional de Willingen em 1952 – O Chamado Missionário da Igreja –, assevera que não é possível haver participação em Cristo sem participação em sua missão para o mundo. Aquilo pelo qual a Igreja recebe sua existência é aquele pelo qual ela também recebe sua missão mundial. No entendimento de Brakemeier (1996), a “Missão de Deus” se dirige altercadamente contra o eclesiocentrismo da missão. Para o autor, a missão não existe em função da Igreja, mas a Igreja em função da missão da qual o próprio Deus é o agente.

Simplificadamente, a concepção barthiana de missão conecta-se a determinada configuração do testemunho da autorrevelação de Deus em Jesus Cristo, que, por sua vez, espelha a ação humana que se concretiza como obediência à convocação de Jesus Cristo como Senhor, uma experiência de fazer a sua vontade, o que significa divulgar a sua mensagem como a do Senhor, isto é, daquele que é o Criador, Conciliador e Redentor da humanidade (GREGGERSEN, 2015).

Niemandt (2019) manifestou a convicção de que os estudos missiológicos, compreendendo a natureza da reflexão teológica e da formação para a missão, além do ministério pastoral em geral, serão moldados pelo consenso praticamente universal sobre o significado de *missio Dei*, tendo esta abordagem implicações amplas para a ecclesiolgia. Discutiremos essa inferência no próximo tópico.

4. Missiologia e Eclesiologia: Por Uma Eclesiologia Missional

Primeiramente, deve-se estabelecer as definições conceituais de dois termos, cuja fusão engendrou o conceito do qual trataremos aqui. O primeiro refere-se a missiologia. Nada obstante a robustez argumentativa advogada por Tippett (1987), não se pode conceber missiologia como “o estudo de indivíduos sendo trazidos a Deus na história”, uma vez que o fato de Deus Pai, ser a fonte da missão significa que a missão não leva Deus às pessoas; ele já está aí, presente na sua criação, no homem e na mulher que Deus criou à sua imagem, a imagem que lhe confere o seu valor e dignidade intrínsecos. O Filho veio para os “seus” (João 1. 11). Em missão, os discípulos de Cristo vêm ao próprio mundo de Deus (ENGELSVIKEN, 2006).

Essa visão bíblica da criação significa que a Igreja em missão respeita todas as pessoas, independentemente de sua fé ou situação. Pode cooperar com todas as pessoas interessadas em “justiça, paz e integridade da criação”, para usar uma formulação pressupondo o conceito da graça comum. Ademais, o pressuposto bíblicamente cognoscível é que, desde sempre, Deus é quem tem a soberana iniciativa de vir até o ser humano, seja na concepção eclesiológica (expressão cültica do povo), soteriológica (iniciativa da salvação), missiológica (iniciativa da encarnação).

Tennent (2010) é enfático ao dizer que a proposição de que a missão não é um subconjunto da doutrina da Igreja é absolutamente diferente de propor uma *missio Dei* desconectada de uma eclesiologia robusta. Em outras palavras, uma coisa é constatar a base trinitária para a missão; outra coisa é não atentar para o fato de que a Igreja foi ordenada por Deus para refletir a Trindade por meio de ações redentoras no mundo.

Não obstante, foi isso o que aconteceu no período pós-Conferência de Willengen. O mundo passou a ser o palco da ação redentora de Deus, e a Igreja foi efetivamente posta de lado. A atividade redentora de Deus era mais provável de ser vista em uma revolução política, tendências econômicas ou movimentos sociais, do que por meio do testemunho fiel da Igreja no mundo (TENNENT, 2010).

A segunda definição refere-se ao termo eclesiologia. Hooker (2009) o sistematiza como a discussão do que a Igreja é chamada a ser e a fazer – sua natureza, seu propósito, suas esperanças, sua estrutura e práticas. Por conseguinte, complementa o autor, todo grande sistema teológico cristão contém uma eclesiologia, uma discussão sobre a natureza da Igreja. Para Ormerod (2008), eclesiologia é simplificada o estudo teológico da Igreja.

A tarefa da eclesiologia consiste em descrever o nexos entre o evangelho e a Igreja. Incumbe-se investigar o sentido em que a existência de uma nova ordem social humana é uma implicação necessária do evangelho de Jesus Cristo, perguntando se a vida da comunidade cristã é interna à lógica do evangelho ou simplesmente acessória e acidental (WEBSTER, 2004).

No que tange à relação entre o evangelho e a Igreja, Webster (2004) sumariamente assevera que o evangelho é a majestade livre da graça do Deus triúno em suas obras de criação, reconciliação e conclusão. Fora da plenitude e perfeição ilimitada de sua própria vida originada como Pai, Filho e Espírito, Deus determina ser Deus com suas criaturas. Este direcionamento de Deus para as criaturas tem sua origem eterna no propósito do Pai. O Pai deseja que – *ex nihilo* – venha a existir uma contraparte criatural da comunhão de amor que é a vida interior da Santíssima Trindade. Esse propósito é posto em prática por Deus, o Filho, que tanto faz quanto refaz as criaturas, chamando-as à existência e chamando-as de volta à existência quando se separam daquele por meio de quem e para quem foram feitas.

Os estudos em eclesiologia missional surgiram como uma das tendências significativas nos estudos missionários nos últimos anos. A eclesiologia é uma disciplina teológica que busca compreender e definir a Igreja, e a eclesiologia missional o faz a partir de um ponto de vista missionário, onde a Igreja é entendida como uma comunidade de testemunhas, chamada a ser e equipada por Deus, e enviada ao mundo para testificar e participar da obra de Cristo. É a discussão sobre o que a Igreja é chamada a ser e a fazer – sua natureza, seu propósito, suas esperanças, sua estrutura e práticas (NIEMANDT, 2012).

Franklin (2007) alude que o termo “missional” foi cunhado para refletir o entendimento de que a missão não é simplesmente uma subcategoria da eclesiologia, mas pertence à essência do que significa ser a Igreja. A Igreja não “faz” missão; ao contrário, a Igreja “é” missão. Muito oportuna essa asserção para a qual Van Gelder (2013) chama a atenção ao explicitar seu entendimento de que a dicotomização entre as duas categorias – igreja e missão – utilizadas para enquadrar o movimento missionário moderno, acarreta sérios prejuízos aos aspectos teleológicos da Igreja. A tensão em torno do argumento sobre se a missão vem antes ou depois da eclesiologia é comum a vários estudiosos desse campo. No entanto, eles concordam que a missão deve ser entendida como algo diante da Igreja (MANGAYI; BRON, 2020). Dessa forma, é crucial que a compreensão missional tenha o mundo como seu horizonte principal,

e a Igreja colocada no centro da atividade de relacionar o reino de Deus à *missio Dei*. A autocompreensão missional da Igreja é fundamentada na obra do Espírito de Deus que chama a Igreja à existência como uma comunidade reunida, equipando-a e enviando-a ao mundo para participar plenamente na missão de Deus (VAN GELDER, 2005). Tal propositura parece bem clara na fala de Jesus aos seus discípulos registradas no evangelho de João, capítulo 20, versículo 21b.

A Figura 2 esquematiza o entendimento da Igreja na concepção da eclesiologia missional. Essa compreensão remete ao fato de que a missão de Deus foi outorgada à Igreja. Visto dessa forma, toda Igreja é missional e, se assim não for, não se concebe Igreja na perspectiva escriturística.

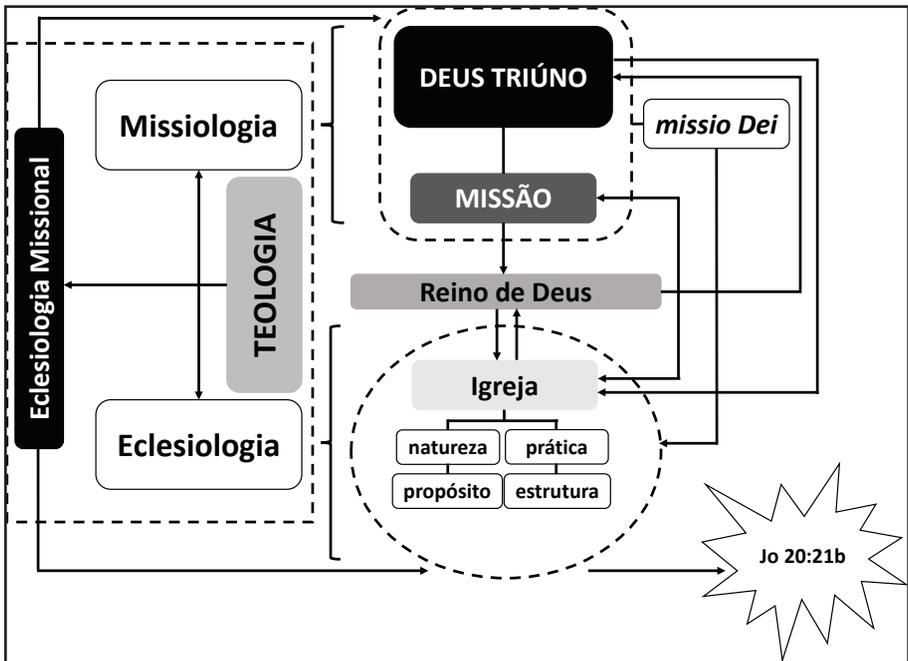


Figura 2. Concepção metodológica da Igreja missional
– Eclesiologia Misional

O conceito aqui adotado para a “Grande Comissão” está fundamentado na concepção joanina. Como se sabe, os contemporâneos de Jesus estavam familiarizados com a perspectiva apocalíptica de Daniel

sobre o Filho do Homem recebendo domínio e sendo servido por todos os povos (Dn 7:14). No entanto, Jesus tinha conhecimento de que deveria servir antes de ser servido, bem como enfrentar o sofrimento antes de receber o domínio. Há uma inequívoca fusão das duas imagens do Antigo Testamento: a do Filho do Homem em Daniel com a do Servo Sofredor em Isaías – Is 53:12 – (BOCK e GLASER, 2019). Infere-se que, assim como Cristo foi enviado ao mundo para servir, a Igreja é enviada para a proclamação, identificando-se com o próximo sem, contudo, perder sua identidade cristã (STOTT, 2010). Corroborando essa assertiva, o mesmo autor faz menção ao parágrafo 6 do Pacto de Lausanne, afirmando “que Cristo envia o seu povo redimido ao mundo como o Pai o enviou e isto conclama para um envolvimento profundo e dispendioso no mundo”.

Para Van Gelder (2005) a Igreja missional vive entre os tempos, convivendo constantemente com a tensão entre o agora e o ainda não. O reino redentor de Deus em Cristo – embora ainda não esteja totalmente completo – já está presente, o que significa que o poder de Deus é totalmente manifestado no mundo por meio do evangelho sob a liderança do Espírito. Nesse sentido, entende o autor que, por meio da obra o Espírito, o reino redentivo de Deus em Cristo promove a natividade da Igreja missional. Portanto, a compreensão dos propósitos redentores de Deus que estão embutidos em seu reino fornece uma compreensão da Igreja como missionária por natureza. A Igreja participa da missão de Deus no mundo porque foi criada exclusivamente para este propósito.

Nesta abordagem, a ecclesiolgia chega à expressão e identidade em relação à missão de Deus no mundo. O código genético da Igreja missional a torna missionária em sua própria essência. As congregações são criadas pelo Espírito e existem para envolver o mundo missionalmente, trazendo a obra redentora de Deus em Cristo para influenciar todas as dimensões da vida. Por serem fiéis à sua identidade missional, elas nunca funcionam como um fim em si mesmas, pelo contrário, são agentes-meio para a realização da missão (VAN GELDER, 2005).

Considerando isto, a fidelidade da *ecclesia* à sua identidade missional impossibilita um contentamento limitado a uma relação funcional com seu contexto e comunidade em que está inserida. Nesse sentido, Chung (2007) advoga que participar da Igreja é participar do movimento do amor e da graça de Deus para com as pessoas. A Igreja tem o privilégio de participar da atividade missional de Deus, porque a missão de Deus abrange a Igreja e o mundo ou, mais precisamente, a Igreja no mundo.

Considerações Finais

Este ensaio teve como objetivo discorrer sobre a eclesiologia missional, a partir do conceito de *missio Dei* abordando a missiologia como campo de estudo da teologia. A missiologia foi apresentada conceitualmente como ramo de estudo da teologia, culminando na proposição da *missio Dei*. Esta, com sua gênese na concepção trinitariana, sobretudo na perspectiva de Agostinho de Hipona, Martinho Lutero e Inácio de Loyola, apresenta importantes desdobramentos que circunscrevem a Igreja como agente de Deus para a missão.

Para Nkansah-Obrempong (2017) a Igreja é o agente de Deus para trazer transformação econômica, política, espiritual, moral e social na sociedade. Isso implica que as comunidades cristãs devem viver suas vidas em sociedade (Jo 17:15), a fim de influenciá-la de forma que glorifique a Deus, consoante à resposta da primeira pergunta (parte a) do Breve Catecismo de Westminster. Isso estabelece a missão da Igreja, bem como o tipo de missão que ela deve se envolver: a saber, uma missão que seja transformadora e redentiva.

Substancialmente bíblica, livre das amarras de ideologias seculares e temporais, a Igreja tem um papel a desempenhar no sentido de ser referência para a ordem moral da sociedade, lidando com questões de injustiça social sistemática, minorias étnicas ou religiosas (GRUDEM, 2009), racismo, corrupção, liberdade e responsabilidade civil, direitos e deveres humanos, aspectos culturais, com foco preponderante na falta de respeito pela dignidade humana e na santidade da vida humana.

Não se concebe missão que não seja aquela permeada pela cosmovisão cristã como condutora da *práxis* da Igreja e de seu povo nesse empreendimento, pois como afirma Nkansah-Obrempong (2017), o papel da Igreja é principalmente espiritual. A Igreja exerce uma função precípua de, por meio da pregação da Palavra, difundir a *ordo salutis*. Ademais, ao existir para a missão, a Igreja propaga o evangelho e atende às necessidades existenciais da humanidade, cuidando da criação de Deus.

Grudem (2009) ao apresentar os propósitos da Igreja, engloba a evangelização e a misericórdia como ministério com relação ao mundo e sobre esta última alerta para que não se torne “um substituto da evangelização genuína”, defesa similar àquela apresentada por Scherer (1987) para quem deve haver a implementação de esforços a fim de provocar o estreitamento entre a missiologia como campo de estudo e a tarefa de evangelização.

Muita atenção deve ser dispensada na execução da obra missionária, cuja azáfama pode desfocar dos rudimentos escriturísticos, se embrenhando numa tentativa espúria de “reinterpretar” a fala de Jesus conforme descrito na “comissão joanina”. Inexoravelmente, essa “*ortopraxia*” promoverá resultados superficiais, porém, mais do que suficientes para desencaminhar a Igreja do seu alvo prioritário de fazer tudo para a glória de Deus tendo em vista o seu reino, corroborado pelo que afirma Jongeneel (1998).

Como afirma a declaração de fé da World Reformed Fellowship: Nossa missão no mundo flui de nossa paixão pela glória de Deus e nossa certeza da vinda de seu reino. A Igreja como a comunidade de Cristo, é o instrumento de evangelismo de Deus, que é a pregação e partilha do evangelho de Jesus Cristo, através de palavras e obras, que Cristo morreu por nossos pecados e ressuscitou dos mortos de acordo com as Escrituras, e que Ele como o Senhor reinante agora oferece perdão dos pecados, vida eterna e dons do Espírito para todos os que se arrependem e creem. Em obediência à comissão de nosso Deus, temos que apresentar duas mãos a todas as pessoas: (1) a mão chamando-os ao arrependimento, fé e reconciliação eterna com Deus por meio de Cristo, e (2) a mão manifestando atos de misericórdia e compaixão, estendendo a bondade do Reino de Deus na terra em nome de Cristo. Este é o exemplo que nos é dado pelo próprio Cristo e proclama que somos conformados à imagem de Cristo e recebemos o Espírito Santo como primícias e garantia da nova criação de Deus (WORLD REFORMED FELLOWSHIP, 2011).

O presente texto, portanto, pretende oferecer uma compilação analítico-conceitual em favor da postura entendida como correta da Igreja diante do seu papel congênito de fazer missão. Faz-se, assim, clara objeção tanto à postura de uma Igreja “descolada” ou “descontextualizada” do mundo, com isso querendo dizer, uma Igreja que não se envolve com a comunidade externa, tanto ao posicionamento de uma Igreja que prioriza ações sociais sem, contudo, promover claramente a proclamação do evangelho como condição única para a salvação da alma e condição *sine qua non* para integrar o reino de Deus. Nesse sentido, o ministério de Jesus é o padrão que deve orientar qualquer modelo eclesiológico.

Dito isto, espera-se com este ensaio, contribuir minimamente com o debate acerca do relevante papel missionário da Igreja no século XXI, sobretudo no seu envolvimento direto na missão, consubstanciado nos princípios das Escrituras; em outras palavras, atuando eficazmente no mundo

sem tomar sua forma (Rm 12:2), tornando-se capacitada pelo Espírito a empreender no reino de Deus que já está entre nós.

Referências

AAGAARD, Johannes. Some main trends in modern protestant missiology. **Studia Theologica – Nordic Journal of Theology**, v. 19, n. 1-2, p. 238–259, 1965.

AAGAARD, Anna Marie. Missio Dei in katholischer Sicht. **Evangelische Theologie**, v. 34, n. jg, p. 420-433, 1974.

ANDERSON, Gerald H. **The theology of the Christian mission**. New York: McGraw-Hill, 1961.

ANDERSON, Justice. An overview of missiology. In: TERRY, J. M. (Ed.). **Missiology**: Nashville, TN: B&H Publishing Group, 2015, p. 768.

BAVINCK, Johan H. **An introduction to the science of missions**. Philadelphia, Penn.: The Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1961.

BOCK, Darrel L.; GLASER, Mitch. **O Servo sofredor**: A interpretação de Isaías 53 nas teologias judaica e cristã. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.

BOSCH, David Jacobus. **Transforming mission**: Paradigm shifts in theology of mission. New York: Orbis Books, 2011.

BRAKEMEIER, Gottfried. Consensos e conflitos ecumênicos em torno da missão cristã: uma avaliação a partir da Conferência de San Antonio. **Estudos Teológicos**, v. 36, n. 1, p. 61-81, 1996.

CORRIE, John; ESCOBAR, Samuel; SHENK, Wilbert R. (Eds.). **Dictionary of Mission Theology**: Evangelical Foundations. Nottingham, England: InterVarsity Press, 2013.

CHUNG, Paul S. A Theology of Justification and God's Mission. **Currents in Theology and Mission**, v. 34, n. 2, p. 117-127, 2007.

DAUGHERTY, Kevin. Missio Dei: The Trinity and Christian Missions. **Evangelical Review of Theology**, v. 31, n. 2, p. 2007.

ENGELSVIKEN, Tormod. Three missiological perspectives: what testimony? **International Review of Mission**, v. 95, n. 378-379, p. 329, 2006.

ENGELSVIKEN, Tormod. Missio Dei: The understanding and misunderstanding of a theological concept in European churches and missiology. **International Review of Mission**, v. 92, n. 1, p. 481-497, 2003.

EWELL, C. Missio Dei: The theological roots of evangelism. **International Review of Mission**, v. 101, n. 2, p. 385, 2012.

FLETT, John G. Missio Dei: A Trinitarian envisioning of a non-Trinitarian theme. **Missiology**, v. 37, n. 1, p. 5-18, 2009.

FRANKLIN, Patrick. Bonhoeffer's Missional Ecclesiology. **McMaster Journal of Theology Ministry**, v. 9, n., p. 96-128, 2007.

FRANKLIN, Kirk, J. A missiology of progress: Assessing advancement in the Bible translation movement. **HTS Teologiese Studies**, v. 76, n. 1, p. 1-9, 2020.

GEORGE, Sam; GODFREY, Harold. Motus Dei (The Move of God): A Theology and Missiology for a Moving World. **Pharos Journal of Theology**, v. 102, n. 1, p. 1-13, 2021.

GOHEEN, Michael W. A history and introduction to a missional reading of the Bible. In: GOHEEN, M. W. (Ed.). **Reading the Bible missionally**. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2016, p. 3-27.

GREGGERSEN, Gabriele. Barth e a relação entre teologia e missão. **Caminhando**, v. 20, n. 1, p. 13-38, 2015.

GRUDEM, Wayne A. **Systematic theology: An introduction to biblical doctrine**. Systematic theology: An introduction to biblical doctrine. Grand Rapids, MI: Zondervan Academic, 2009.

GUDER, Darrell. Missio Dei: Integrating Theological Formation for Apostolic Vocation: Presidential Address. **Missiology**, v. 37, n. 1, p. 63-74, 2009.

GUDER, Darrell L. **The continuing conversion of the church**. Grand Rapids, Michigan, Cambridge, UK: Wm. B. Eerdmans Publishing, 2000.

HOLMES, Stephen R. International Journal of Systematic Theology. Trinitarian Missiology: Towards a Theology of God as Missionary. **International Journal of Systematic Theology**, v. 8, n. 1, p. 72-90, 2006.

HOOKER, Paul. What is Missional Ecclesiology? **Northeast Georgia Presbytery**, p. 1-9, 2009. Available: https://www.pcusa.org/site_media/media/uploads/oga/pdf/missional-ecclesiology09.pdf

JONGENEEL, Jan A. B. Is missiology an academic discipline? **Exchange**, v. 27, n. 3, p. 208-221, 1998.

JOSEPH, Palolil Varghese. **Towards an Indian Trinitarian Theology of Missio Dei: A Study of the Trinitarian Theologies of St. Augustine and Brahmabandhab Upadhyay**. Pages. Doctorate). School of Theology, Boston University: Boston, MA, 2013.

JOSEPH, Palolil Varghese. The Trinity and Mission: Missio Dei in St. Augustine's De Trinitate. **Evangelical Review of Theology**, v. 44, n. 2, p. 175-189, 2020.

KEMPER, T. The Missio Dei in Contemporary Context. **International Bulletin of Missionary Research**, v. 38, n. 4, p. 188-190, 2014.

KIM, Kirsteen. Missiology as global conversation of (contextual) theologies. **Mission Studies**, v. 21, n. 1, p. 39-53, 2004.

KIRK, J. Andrew. **What is mission?** Theological explorations. Minneapolis: Fortress Press, 2000.

KNOETZE, Johannes J. A long walk to obedience: Missiology and mission under scrutiny (1910-2010). **In die Skriflig**, v. 51, n. 2, p. 1-7, 2017.

- KNOETZE, Johannes J.; MWANGI, Robinson K. ‘Walking in the light’ and the *missio Dei*: Perspectives from the Anglican Church of Kenya. **HTS Theological Studies**, v. 74, n. 1, 4868, 2018.
- KOLLMAN, Paul. At the origins of mission and missiology: A study in the dynamics of religious language. **Journal of the American Academy of Religion**, v. 79, n. 2, p. 425-458, 2011.
- LAING, Mark. *Missio Dei*: some implications for the church. **Missiology**, v. 37, n. 1, p. 89-99, 2009.
- LANGMEAD, Ross. What is missiology? **Missiology: An International Review**, v. 42, n. 1, p. 67-79, 2013.
- MANGAYI, Lukwikilu (Credo); BARON, Eugene. Ten years (2010 – 2020) of exciting missiology in South Africa: Trends and trajectories. **Scriptura: Journal for Biblical, Theological and Contextual Hermeneutics**, v. 119, n. 3, p. 1-18, 2020.
- MASHAU, Thinandavha D. A reformed perspective on taking mission and missiology to the heart of theological training. **In die Skriflig**, v. 46, n. 2, p. 1-8, 2012.
- MULLER, Richard A. Toward the *pactum salutis*: Locating the origins of a concept. **Mid-America Journal of Theology**, v. 21, n. 18, p. 11-65, 2007.
- MYKLEBUST, Olav Guttorm. Missiology in contemporary theological education: A factual survey. **Mission Studies**, v. 6, n. 1, p. 87-107, 1989.
- NETLAND, Harold. Theology of Religions, Missiology, and Evangelicals. **Missiology: An International Review**, v. 33, n. 2, p. 141–158, 2005.
- NIEMANDT, Cornelius JP. Trends in missional ecclesiology. **HTS: Theological Studies**, v. 68, n. 1, p. 1-9, 2012.
- NIEMANDT, Nelus. A missional hermeneutic for the transformation of theological education in Africa. **HTS Theological Studies**, v. 75, n. 4, p. 1-10, 2019.
- NKANSAH-OBREMPONG, James. Africa’s Contextual Realities: Foundation for the Church’s Holistic Mission. **International Review of Mission**, v. 106, n. 2, p. 280-294, 2017.
- NUSSBAUM, S. A future for missiology as the queen of theology? **Missiology: An International Review**, v. 42, n.1, p. 57–66, 2013.
- OBORJI, Francis Anekwe. **Concepts of mission: The evolution of contemporary missiology**. Maryknoll, NY: Orbis Books, 2006.
- OBORJI, Francis Anekwe. Contemporary Missiology in Theological Education. **Missiology: An International Review**, v. 34, n. 3, p. 383–397, 2006a.
- ORMEROD, Neil. Recent Ecclesiology: A Survey. **Pacifica: Australasian Theological Studies**, v. 21, n. 1, p. 57-67, 2008.
- POITRAS, Edward W. St. Augustine and the *Missio Dei*: A reflection on mission at the close of the twentieth century. **Mission Studies**, v. 16, n. 2, p. 28-46, 1999.
- REIMER, Johannes. Trinitarian spirituality: Relational and missional. **HTS Theological Studies**, v. 75, n. 1, a5348, 2019.

ROXBOROUGH, John. Missiology after “Mission”? *International Bulletin of Missionary Research*, v. 38, n. 3, p. 120–124, 2014.

SCHERER, James A. Missiology as a discipline and what it includes. **Missiology: An International Review**, v. 15, n. 4, p. 507-522, 1987.

SCHERER, James A. Missiology as a discipline and what it includes. In: SCHERER, J. A. B., STEPHEN B. (Ed.). **Missiology as a discipline and what it includes**. Maryknoll, NY: Orbis Books, 1994, p. 173-187.

SCHIRRMACHER, Thomas. **Missio Dei: God’s Missional Nature**. Bonn: Verlag für Kultur und Wissenschaft Culture and Science Publ., 2018.

SHENK, Wilbert R. (Ed.). *The Transfiguration of Mission: Biblical, Theological, and Historical Foundations*. Eugene, OR: Herald Press, 1993.

STOTT, John. **A missão cristã no mundo moderno**. Viçosa-MG: Ultimato, 2010.

STOTT, John. Living God is a Missionary God. In: WINTER, Ralph D.; HAWTHORNE, Steven C. (Eds.). **Perspectives on World Mission Movement: A Reader**. 4th ed. Pasadena-CA: William Carey Library Publishing, 2013.

SUESS, Paulo. Missio Dei and the Project of Jesus: The Poor and the “Other” as Mediators of the Kingdom of God and Protagonists of the Churches. **International Review of Mission**, v. 92, n. 367, p. 550, 2003.

SUNDERMEIER, Theo. Missio Dei heute: zur Identität christlicher Mission. **Theologische Literaturzeitung**, v. 127, n. 12, p. 1243-1262, 2002.

TENNENT, Timothy C. **Invitation to world missions: A Trinitarian missiology for the twenty-first century**. Grand Rapids, MI: Kregel Academic, 2010.

THINANE, Jonas Sello. Missio Dei as the main project: Project management model for mission of God. **Pharos Journal of Theology**, v. 102, n. 2, p. 1–17, 2021.

THINANE, Jonas Sello. Conceptualisation of missio hominum as an expression of imago Dei: From missio Dei to missio hominum. **HTS Theologiese Studies/ Theological Studies**, v. 78, n. 1, a7061, 2022.

TIPPETT, Alan R. Missiology: For Such a Time as This! **Missiology**, v. 1, n. 1, p. 15-22, 1973.

TIPPETT, Alan Richard. **Introduction to missiology**. Pasadena, California: William Carey Library, 1987.

VAN ENGEN, Charles Edward. **Transforming mission theology**. Pasadena, CA: William Carey Library, 2017.

VAN GELDER, Craig. Rethinking denominations and denominationalism in light of a missional ecclesiology. **Word & World**, v. 25, n. 1, p. 23-33, 2005.

VERKUYL, Johannes. **Contemporary missiology: An introduction**. Grand Rapids: Eerdmans, 1978.

WALLS, A. F. Towards a Theology of Migration: In: LUDWIG, Frieder; ASAMOAH-GYADU, Johnson Kwabena. (Eds.). **African Christian Presence in the West: New Immigrant**

Congregations and Transnational Networks in North America and Europe. Trenton: Africa World Press, 2011.

WEBSTER, John. On Evangelical Ecclesiology. **Ecclesiology**, v. 1, n. 1, p. 9-35, 2004.

WHITWORTH, David Martin. **Missio Dei and the means of grace**: a theology of participation. Eugene, OR: Cascade Books, 2019.

WRIGHT, Christopher J. H. **The mission of God**: Unlocking the Bible's grand narrative. Nottingham, England: Inter-Varsity Press, 2006.

WORLD REFORMED FELLOWSHIP. World Reformed Fellowship, 2011, Promoting reformed partnerships worldwide. Disponível em: < <https://wrf.global/about/statement-of-faith#mission>>. Acesso em 30 jun. 2022.

YOUN, Chul-Ho. Missio Dei Trinitatis and Missio Ecclesiae: A Public Theological Perspective. **International Review of Mission**, v. 107, n. 1, p. 225-239, 2018.

Submetido em: 9-11-2020

Aceito em: 21-12-2022